

“MATO POR PRAZER”

Josyelle Bonfante Curti*

Resumo: Ancorado na teoria dos gêneros discursivos, este artigo pauta-se nos fundamentos do Interacionismo Sociodiscursivo, especialmente no uso da coesão como mecanismo de textualização responsável pela organização, progressão e coerência temática e textual, para tratar do funcionamento da língua em situações concretas de interação e significação. Para tanto, tomamos como base teórica autores como Bronckart (2003; 2006), Koch (2015) e Casoy (2014), tendo como cópús trechos de uma entrevista realizada com o assassino em série Pedrinho matador, que diz ter assassinado mais de 100 pessoas em nome do prazer e em busca de justiça. O objetivo é analisar como o assassino utiliza elementos de coesão em seu discurso para construir determinados efeitos de sentido e atingir determinadas interpretações por parte dos interlocutores. Assim, podemos perceber que a coesão tem o papel primordial de conduzir o discurso ao sentido, abastecendo-o com recursos que estabelecem uma relação conceitual e semântica entre todos os elementos discursivos, rumando à justificativa para os atos criminosos cometidos pelo assassino. **Palavras chave:** Interacionismo Sociodiscursivo. Mecanismos de Textualização. Coesão. Gêneros Discursivos. Assassino em Série.

Abstract: Drowned on the theory of discursive genres, this paper is based on the foundations of Socio-discursive Interactionism, especially in the use of cohesion as a textualization mechanism responsible for the organization, progression and thematic and textual coherence, in order to deal with the functioning of the language in concrete situations of interaction and meaning. For this purpose, we assume as theoretical basis authors like Bronckart (2003; 2006), Koch (2015) e Casoy (2014), taking as corpus excerpts from an interview with the serial killer Pedrinho matador, who claims to have murdered more than 100 people in the name of pleasure and in search of justice. The objective is to analyze how the killer uses elements of cohesion in his speech to construct certain sense effects and to reach certain interpretations by the interlocutors. Thus, we can see that cohesion has the primary role of conducting discourse to meaning, supplying it with resources that establish a conceptual and semantic relationship between all the discursive elements, leading to justification for the criminal acts committed by the killer.

Keywords: Socio-discursive Interactionism. Textualization Mechanisms. Cohesion. Discursive Genres. Serial Killer.

INTRODUÇÃO

Sabemos, conforme postula Bakhtin (1997), que o gênero discursivo permeia a vida social: todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas ao uso da

* Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina, Especialista em Língua Portuguesa e Mestre em Estudos da Linguagem pela mesma instituição. Assessora Especial na Editora da Universidade Estadual de Londrina.

língua, que, diante disso, é variado e efetua-se por meio de enunciados concretos e únicos, os quais refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, seja pelo conteúdo, pelo estilo verbal, pela construção composicional. Assim, esses três elementos fundem-se e tornam-se tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros do discurso.

A partir disso, podemos afirmar que, assim como a linguagem está no cerne do desenvolvimento humano, os gêneros discursivos estão no cerne da comunicação: não nos comunicamos senão pelos gêneros e não evoluímos e agimos socialmente senão pela linguagem (verbal ou não), isso porque é pela língua que nos posicionamos no mundo, atuando sobre ele e sofrendo suas ações, caracterizando-nos e construindo nossa identidade, percebendo a realidade e fazendo-nos ser compreendidos, significando as coisas e atribuindo sentido a tudo que nos cerca, física e abstratamente. É quando nos deparamos com o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), que, resumidamente, trata da linguagem em situação concreta de uso, ou do desenvolvimento humano mediado pela linguagem. Quer dizer, “o estudo do funcionamento dos discursos, proposto pelo ISD, constitui uma das vias de abordagem possíveis de uma concepção de significação que integra o uso e os fatores linguísticos” (OLIVEIRA; CORDEIRO, 2008, p. 51).

Nesse campo, apoiando-nos nos pressupostos de tipos e de mundos discursivos, temos o folhado textual como a constituição primordial de um texto e essencial para sua organização, dividindo-se em infraestrutura geral do texto, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos. Aqui, nosso foco volta-se para os mecanismos de textualização, camada em que se encontra a coesão, elemento basilar para a coerência textual, dado que é responsável por determinar o encadeamento das partes do texto, criando e estabelecendo os laços que deixam seus vários segmentos ligados, articulados. Trata-se da “propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática” (ANTUNES, 2005, p. 47), ou seja, ao tornar o texto um todo, com suas partes conectadas de forma lógica, os mecanismos de textualização são responsáveis pela compreensão e atribuição de sentido por parte dos interlocutores.

Já que a coesão instaura a continuidade textual, produzindo significações, então o texto é a prevalecte forma de registro social, histórico, geográfico, cultural; é, conforme Koch (2015), o principal modo de constituição individual e social do conhecimento, portanto, o principal meio de representação e de armazenamento de aspectos linguísticos, cognitivos e sociais. Assim, uma vez que o texto reflete o modo como organizamos nossos mundos cognitiva e linguisticamente, podemos tomá-lo como materialização do discurso e objeto de análise para se compreender diversos aspectos da realidade humana, como o crime, afinal, a comunicação perpassa todas as esferas da atividade humana, e a linguagem é necessária em todas elas, caso contrário, não interagimos.

Nas últimas décadas, com o crescimento da violência e de casos de assassinato em série, principalmente em âmbito nacional, vem aumentando a necessidade de se investigar e compreender crime e criminoso, na tentativa de reabilitar o transgressor e de evitar novas violações, ou, ao menos, para entender os motivos que levam o assassino a cometer esse crime tão brutal, que transporta a sociedade de volta aos tempos bárbaros, de ausência de civilidade, para entender como ele age, o que ele pensa e sente e como esse fenômeno impacta a sociedade de forma global, e não apenas as vítimas. Partindo do pressuposto de que a linguagem é evidência, externalizando o modo como nos relacionamos com o mundo e nele atuamos, justifica-se buscar entender o crime por meio dela, dada sua capacidade de refletir aspectos cognitivos, internalizados por meio da experiência e dos conhecimentos adquiridos social, cultural e historicamente. Trata-se, logo, de uma forma de entender, além do modo como o homem se comporta, também como a língua funciona em todas e diferentes esferas, como nossa mente trabalha por meio dela e como nós agimos nela e por ela (CURTI, 2019), tal como uma forma de interpretar ações particulares que atingem o social e nele reverberam.

Nesse quadro, a língua é um elemento que atua a nosso favor pois está à nossa disposição, cerceando-nos e fundamentando-nos em tudo: ela deixa de ser apenas instrumento de comunicação ou de expressão do pensamento, mas, como fato social, transforma-se mais em um meio de elucidação, tornando clara e simples uma proposição:

o assassino em série age em nome do prazer, puramente. A vingança, a ganância e outros fatores podem estar presentes em alguns casos, entretanto, o prazer é sempre soberano e imperativo, guiando as ações do assassino desde o planejamento do crime.

O fato é que o motivo do crime é o desejo do assassino de exercer controle e dominação sobre suas vítimas, as quais, para ele, são apenas o objeto para a concretização de seus desejos, motivo pelo qual a maioria das vítimas é, quase sempre, composta por pessoas vistas como impotentes, frágeis ou sem valor social, como mulheres, idosos, crianças, homossexuais, prostitutas, imigrantes e moradores de rua. Dessa maneira, o crime é visto como uma forma de fazer uma limpeza social, de eliminar pessoas que já são marginalizadas e ignoradas socialmente. O caso aqui abordado encaixa-se nessas premissas: Pedro Rodrigues Filho, mais conhecido como Pedrinho matador, matava por prazer, mas, diferentemente da maioria dos assassinos em série, que mata em nome do prazer sexual e de poder, Pedrinho matava em nome do prazer advindo da vingança, da justiça social que ele acreditava estar praticando, uma vez que suas vítimas eram outros criminosos, como traficantes, assassinos de mulher, estupradores e pedófilos. Pedrinho se considera, então, um justiceiro, um benfeitor para a sociedade, todavia, impelido pelo prazer: o da ‘justiça’.

Tem-se, dessa forma, que o universo criminal do assassino é refletido em sua linguagem, que, basicamente, é a materialização verbal de toda violência, frieza e crueldade por ele praticadas, afinal, a linguagem do assassino também traduz sua personalidade, como sua mente funciona, como seus instintos conduzem suas ações e de que forma ele é movido e envolvido pelas sensações que marcam o crime antes, durante e depois. A realidade é que as sensações e o prazer do assassino falam, tornam-se linguagem, e, para tanto, valem-se de estratégias, de métodos e de recursos linguísticos para manifestar-se e revelar sua natureza característica.

É nesse cenário que a coesão se torna um recurso, exposto em depoimentos, em interrogatórios e em entrevistas e refletido nos detalhes, na escolha das palavras, nas expressões e nos gestos durante a fala do assassino, afinal, se o crime precisa estar bem articulado, “sem fios soltos”, para que o criminoso não seja descoberto, o discurso do

assassino também precisa estar conectado, uno, para que faça sentido e conduza a determinadas interpretações (a ele favoráveis), em detrimento de outras possíveis.

À vista disso, nosso objetivo é, com base no gênero entrevista, analisar como o assassino utiliza elementos de coesão em seu discurso para construir determinados efeitos de sentido e atingir determinadas interpretações e respostas dos ouvintes. Trata-se de verificar e compreender como, por meio da linguagem, a mente funciona e, a partir disso, o homem age em sociedade. Assim, a questão que nos norteia é: Que papel a coesão exerce no discurso do gênero entrevista de um assassino serial e como ela determina seus efeitos de sentido?

Compondo o *cópus* deste artigo, apresentamos trechos (*ipsis litteris*) de uma entrevista realizada com o assassino serial Pedro Rodrigues Filho, conduzida pela criminóloga Ilana Casoy e por ela disponibilizada em seu livro *Serial killers: made in Brazil* (2014). Essa entrevista foi realizada como parte de um documentário, o qual ainda não foi publicado, portanto, justifica-se nossa escolha por trabalhar apenas com os excertos, que já estão públicos.

INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO: GÊNEROS, FOLHADO TEXTUAL E COESÃO

Antes de tudo, as práticas de linguagem situadas – os textos-discurso – são os instrumentos maiores do desenvolvimento humano, não somente sob o ângulo dos conhecimentos e dos saberes, mas, sobretudo, sob o das capacidades de agir e da identidade das pessoas (BRONCKART, 2006), assim, o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) visa estudar os efeitos das práticas de linguagem sobre tal desenvolvimento e busca compreender a estrutura e o funcionamento dos textos que circulam socialmente, bem como a relação desses textos com a atividade humana, considerando as ações humanas em suas dimensões sociais e discursivas constitutivas (BRONCKART, 2003).

Desse modo, podemos dizer que a linguagem está no cerne do desenvolvimento humano, visto que ela é mediadora de todas as atividades e práticas humanas em contexto social, ou seja, de interação, materializando-se por meio de

discursos e de gêneros. Isso levando em consideração que o discurso é um dos principais planos de enunciação, sendo definido como o “efeito de sentido construído no processo de interlocução (opõe-se à concepção de língua como mera transmissão de informação)” (BRANDÃO, 2012, p. 106).

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia [...] como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção (BRANDÃO, 2012, p. 11).

Justamente pelo fato de o discurso não ser neutro, toda confecção de texto necessariamente implica escolhas linguísticas, tipológicas, ideológicas, formais, contextuais, sendo que as escolhas de gênero são relativas à seleção e à combinação dos mecanismos e de suas modalidades linguísticas de realização, conforme Bronckart (2006). Nessa perspectiva, os gêneros discursivos constituem os produtos de configurações de escolha entre as possíveis, disponibilizadas no intertexto e momentaneamente estabilizadas pelo uso, sendo que essa escolha emerge do trabalho que as formações sociodiscursivas realizam para que os textos sejam adaptados às atividades que elas praticam, determinados pela situação comunicativa, pelos interlocutores, pelo veículo de comunicação etc.

Dado que os gêneros são formas relativamente estáveis, mas que nos permitem reconfigurá-las de maneira subjetiva e singular, apoiados em nossas características, nossos estilos e nossa visão de mundo, se a internalização dos fatores externos ocorre por meio de signos linguísticos e ideológicos, os gêneros estão aí para auxiliar-nos na organização, na estruturação e na composição das mais variadas formas de acontecimento textual, visto que os textos mediam as relações sociais e essa passagem de fora para dentro e de dentro para fora. Afinal, é por meio dos gêneros que nos

expressamos e comunicamos, exteriorizando esquemas e padrões mentais arranjados cognitivamente com base naquilo que vem de fora: experiências, práticas, conhecimentos, parâmetros. Então, conseguimos nos exprimir em dado contexto comunicacional escolhendo, dentre os arquétipos textuais disponíveis, o gênero que melhor se encaixa nas nossas intenções e situações de comunicação.

Nesse universo, os gêneros são estabelecidos de acordo com os mundos e tipos discursivos, sendo que, conforme Leal (2008), os mundos discursivos são representações do mundo real, ou seja, do mundo em que se desenvolvem as ações dos agentes produtores da comunicação; esses mundos são construídos com base em dois subconjuntos de operações: as primeiras se referem à relação existente entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático e as coordenadas do mundo ordinário, as segundas esclarecem o relacionamento das diferentes instâncias de agentividade (personagens, grupos, instituições, etc.) e sua inscrição espaço-temporal com os parâmetros físicos da ação da linguagem em curso (agente-produtor, interlocutor e espaço-tempo da produção). Assim, temos dois mundos discursivos: o da ordem do narrar e o da ordem do expor, os quais são traduzidos em tipos de discurso, como parte da infraestrutura do texto no folhado textual que entra na composição dos gêneros nos quais os mundos discursivos particulares são materializados, variando de acordo com as unidades linguísticas que neles ocorrem e sendo delas dependente. Os tipos de discurso ainda traduzem operações psicológicas que refletem a criação de mundos discursivos específicos e os próprios mundos discursivos particulares. São quatro os tipos de discurso: discurso interativo, discurso, narração e relato interativo. Esses tipos podem ser semiotizados de forma implicada ou autônoma, dependendo da relação estabelecida na produção textual entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático mobilizado no texto e as coordenadas do mundo ordinário (que se refere à situação de ação) (MIRANDA, 2008), podendo ser definidos, também, por meio da conjunção ou da disjunção.

Como toda ação de linguagem surge da mobilização de um gênero, pelo qual o texto se concretiza, torna-se necessário organizar esse texto a partir de sua estrutura e

de sua composição. A essa necessidade Bronckart (2003) traz a concepção de folhado textual, em consonância com o que Beaugrande e Dressler propuseram sobre os fatores de textualidade, incumbidos de assegurar o texto como tal, de forma linear, organizada e portadora de sentido, e não como um amontoado de frases. O folhado textual, por sua vez, se dá em três níveis superpostos e, em parte, interativos: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos, os quais respondem adequadamente à necessidade metodológica de desvendar a trama complexa da organização textual.

Os *mecanismos de textualização*, em particular as séries isotópicas de organizadores e de retomadas nominais, contribuem para *marcar* ou “tornar mais visível” a estruturação do conteúdo temático (plano geral que combina tipos de discursos e, eventualmente, seqüências); portanto, pressupõem essa organização mais profunda que chamamos de infraestrutura. Quanto aos *mecanismos enunciativos*, na medida em que parecem ser pouco dependentes da linearidade do texto (a distribuição das *modalizações*, por exemplo, é quase independente da progressão do plano de texto), podem ser considerados como sendo do domínio do nível mais “superficial”, no sentido de serem mais diretamente relacionados ao tipo de interação que se estabelece entre o agente-produtor e seus destinatários (BRONCKART, 2003, p. 119-120, grifos originais).

Especificamente a respeito dos mecanismos de textualização, base de nossa pesquisa, Bronckart (2003) aponta que estes contribuem para o estabelecimento da coerência temática, pois, uma vez articulados à linearidade do texto, explicitam, tendo em vista o destinatário, “as grandes articulações hierárquicas, lógicas e/ou temporais do texto” (p. 122) que podem ser divididas em conexão, coesão nominal e coesão verbal.

Diante disso, temos que:

- os mecanismos de conexão contribuem para marcar as articulações de progressão temática e são realizados por organizadores textuais, “que podem ser aplicados ao plano geral do texto, às transições entre tipos de discurso e entre fases de uma seqüência, ou ainda às articulações mais locais” (BRONCKART, 2003, p.122);

- os mecanismos de coesão nominal têm tanto a função de introduzir os temas e/ou personagens novos quanto a de assegurar sua retomada ou sua substituição no desenvolvimento do texto. “as unidades que realizam esses mecanismos são chamadas de anáforas e podem ser pronomes pessoais, relativos, demonstrativos e possessivos, e também alguns sintagmas nominais” (BRONCKART, 2003, p. 124);
- “os mecanismos de coesão verbal asseguram a organização temporal e/ou hierárquica dos processos (estados, acontecimentos ou ações) verbalizados no texto e são essencialmente realizados pelos tempos verbais” (BRONCKART, 2003, p. 127), podendo aparecer em interação com outras unidades que têm valor temporal, como os advérbios e os organizadores textuais; além disso, sua distribuição depende dos tipos de discurso em que aparecem, mais claramente do que acontece com os outros dois mecanismos.

A coesão e a coerência entram em cena quando são estabelecidas conexões entre texto, sujeitos e sociedade, em que elementos articulam essa relação em direção a um sentido. Dessa forma, a coesão, como elemento linguístico cuja função é a de promover continuidade ao texto, de forma sequencial, lógica e articulada, faz-se imprescindível em todo e qualquer discurso se quisermos nos comunicar de modo claro, eficaz e coerente. Na entrevista não poderia ser diferente, uma vez que se trata de um gênero da conversação marcado pela partilha de informações, de esclarecimentos, de avaliações e de opiniões, no qual tanto quem entrevista quanto quem é entrevistado deve ser capaz de expressar-se com clareza, segurança, domínio e sentido (COSTA, 2014).

Koch (2016) afirma que a coerência é resultado de uma construção feita pelos interlocutores, em dada situação de interação, por meio da atuação conjunta de fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional. Dessa maneira, a coerência não está no texto, mas é construída a partir dele por meio de pistas/recursos coesivos que orientam o interlocutor na construção de sentido. Para tanto, faz-se necessário levar em consideração conhecimentos de mundo, conhecimentos socioculturalmente partilhados entre os interlocutores e práticas sociais colocadas em ação no curso da interação. A

coerência se estabelece, então, no nível sintático, semântico, temático, estilístico e ilocucional, ao passo que a coesão diz respeito à “forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar um “tecido” (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase, que dela difere qualitativamente” (KOCH, 2015, p. 45).

À vista disso, pode-se dizer que a coesão é responsável pelo encadeamento de todos os elementos presentes no texto, estabelecendo uma ligação lexical, morfológica e sintática dentro de uma sequência e garantindo que o sentido do texto seja compreendido por meio da unidade, enquanto a coerência nos permite interpretar e compreender esse sentido por meio dos conceitos dos elementos linguísticos e extralinguísticos devidamente configurados e articulados pela coesão.

Innes (2009) aponta que há algumas décadas o FBI já vinha se atentando para a importância da linguagem na análise de crimes, mas que, muitas vezes, era e ainda é negligenciada. Além de contribuir na criação de perfis comportamentais, a linguagem falada ou escrita dos criminosos pode fornecer aos investigadores uma miríade de informações, pois “ambas têm características que podem revelar as origens geográficas de um indivíduo, etnia ou raça, idade, sexo, ocupação, nível de escolaridade e orientação ou crença religiosa” (INNES, 2009, p. 45). Muito mais do que isso, a linguagem de um indivíduo, inclusive criminoso, assassino em série, expressa seu posicionamento no mundo e, principalmente, seu posicionamento discursivo, que é dotado de representações, ideologias, condições e elementos externos, assim, ela revela muito mais que a capacidade comunicativa de seus falantes, mas suas percepções, as características pessoais, que tornam cada um único, suas personalidades, seus traços e detalhes individuais que constituem a forma de pensar e agir, de estruturar as informações e as experiências cognitivamente e exteriorizá-las socialmente.

Então, levando em consideração que a entrevista é um gênero cuja intenção principal é a informação e cuja marca essencial é a interação entre os interlocutores de forma dialógica e, portanto, conduzida pelo discurso direto e pela subjetividade; o objetivo é, por meio do diálogo, narrar, relatar experiências, conhecimentos, fatos, logo,

as escolhas linguísticas e o modo como as palavras são dispostas e encadeadas possuem importância fundamental. Por conseguinte, aqui, analisaremos a entrevista como pertencente ao gênero primário: trata-se de um relato interativo, do mundo (disjunção) do narrar implicado, dado que, com relação à situação de linguagem, o discurso remete a tempos outros, anteriores ao tempo de fala, mas com explícita relação de implicação entre suas instâncias de agentividade e os parâmetros materiais da ação de linguagem (agente-produtor, interlocutor, situação espaço-temporal etc.), conforme aponta Bronckart (2003).

PEDRINHO MATADOR E O ASSASSINATO EM SÉRIE

Especialistas definem que, para ser considerado um assassino em série, é preciso ter matado três pessoas ou mais, em um dado intervalo de tempo, porém, essa não é a característica principal que diferencia esse tipo de assassino dos demais, colocando-os na posição mais extrema de brutalidade que se pode cometer contra a vida: o assassino em série mata por prazer, pela sensação de poder ao subjugar, agredir, humilhar, cometer inimagináveis tipos de violência e de barbaridade e degradar o corpo da vítima durante e após a morte, aliás, é justamente o fato de poder controlar a vida de alguém, tirando-a com suas próprias mãos, que faz com que o assassino em série sinta-se um deus e obtenha prazer e satisfação pessoal.

Por conta de sua consciência distorcida, de limitada capacidade de emoção e de empatia, há uma ausência de sentimento com o próximo ou de arrependimento e de remorso pelos atos e pelas vítimas. A maioria desses assassinos é afligida por uma angústia, e a solução dessa angústia aparece com a consumação do assassinato. Como a angústia é constante e momentânea, há sempre a necessidade de saná-la novamente, assassinando outras pessoas, o que caracteriza o crime como serial. O que se pode concluir é que assassinar gera alívio, por isso, em alguns casos, as vítimas não são escolhidas por um critério, mas de forma aleatória, salvo algumas exceções, quando as vítimas simbolizam algo para o assassino, ou quando eles matam por vingança, por justiça, para fazer um “bem” para a sociedade. Nesse último caso, são escolhidas como

vítimas pessoas vulneráveis e consideradas alvos fáceis, como crianças e mulheres, ou marginalizadas, como mendigos, travestis, prostitutas, garotos de programa, drogados, pois, para o assassino, matar essas pessoas equivaleria a fazer limpeza social, prestar um serviço à sociedade. O que acontece, de fato, na maioria dos casos, é simplesmente uma vontade de matar, de tirar uma vida, sem motivo nenhum, assim, os desejos e os pensamentos mais sádicos entram em jogo e controlam as ações do assassino, pois apenas matar não é suficiente, é preciso haver perversão, violência extrema, atrocidade, sendo estas as melhores formas de mostrar estar no controle e de dominar a vítima. A autossatisfação é imperiosa, então, apesar de alheios às emoções e aos sentimentos relacionados à empatia e ao próximo, em contrapartida, sentimentos e emoções egoístas são comuns, como o prazer, a satisfação e a vontade pelo poder acima de tudo, independentemente de o que se precisa para conseguir ou das consequências.

Tais características vão ao encontro do que postula Roudinesco (2008), ao expressar que a perversão se associa a uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade, gozo. Porém, a perversão é, também, criatividade, superação de si, grandeza. Nesse sentido, pode ser entendida como o acesso à mais elevada das liberdades, uma vez que autoriza aquele que a encarna e comete a ser simultaneamente carrasco e vítima, senhor e escravo, bárbaro e civilizado. O fascínio exercido sobre nós pela perversão deve-se, precisamente, a que ela pode ser ora sublime ora abjeta: sublime ao manifestar-se nos rebeldes de caráter prometeico², que se negam a submeter-se à lei dos homens, ao preço de sua própria exclusão; e abjeta ao se tornar, como no exercício das ditaduras mais ferozes, a expressão soberana de uma fria destruição de todo laço genealógico, que é a extirpação da vida.

Assim, seja gozo do mal ou paixão pelo soberano bem, a perversão é uma circunstância da espécie humana, dado que o mundo animal está excluído dela, assim

² Relativo ou pertencente a, ou próprio de Prometeu, um dos titãs que, segundo a mitologia grega, roubou o fogo do Olimpo e o deu aos homens, ensinando-os a empregá-lo, razão pela qual Zeus o castigou, acorrentando-o no cimo do Cáucaso (FERREIRA, 2009, p. 1640). Relaciona-se à ideia de grandeza e à bravura dos benfeitores, ao sacrifício.

como do crime. Todavia, não somente é uma circunstância humana, presente em todas as culturas, como também supõe a existência da fala, da linguagem, da arte (ROUDINESCO, 2008), visto que o homem, desde os primórdios, já tinha habilidades para ações violentas, imorais, subversivas, antes mesmo de saber falar, logo, pratica a perversão de forma consciente e racional, ainda que impelido por fortes emoções, e visto que, sem a linguagem, a perversão não existiria, pois tal conceito sequer teria um significado, uma simbologia, um valor, razões pelas quais é um tema tão abordado nas mais variadas formas de arte e tão estudado por inúmeras ciências.

Pedrinho, quando da entrevista, estava preso há trinta e três anos, excedendo o tempo permitido por lei para o cumprimento de pena em regime fechado, e constava em seu prontuário, na Penitenciária II – Nilton Silva, que ele havia assassinado, oficialmente, setenta e uma pessoas, sendo quarenta delas já dentro do sistema penitenciário, apesar de o próprio assassino dizer que esse número está próximo a cem. Pedrinho foi preso aos 18 anos e, após décadas aprisionado, acabou estabelecendo sua identidade criminosa ali mesmo, na cadeia, não obstante tenha começado a construí-la jovem.

Conforme relata Casoy (2014) ao desenrolar a entrevista, Pedro Rodrigues Filho foi o filho mais velho de oito, criado na pobreza, em santa Rita do Sapucaí (MG), por mãe, pai e avós, dos quais assistiu e com os quais vivenciou diferentes cenas de violência, aprendendo atitudes que começariam a construir sua identidade criminosa desde cedo, resultado de revolta, de crueldade e de falta de assistência. Por ser bastante religiosa, a mãe impunha várias regras, como não poder assistir televisão; à medida que crescia, Pedro tinha que ir aprendendo a controlar a agressividade do pai, que atacava a esposa e expunha todos à situação de violência doméstica (quando ainda era feto, Pedro teve seu crânio fraturado por conta de um chute dado pelo pai na barriga da mãe); com os avós, aprendeu o hábito de beber sangue e a usar armas com maestria; com a avó, especificamente, batizou-se umbandista, sendo capaz de receber várias entidades poderosas, motivo que irritou sua mãe e levou-a a ameaçá-lo de morte; seus amigos são por ele descritos como “Tudo ruim que nem eu. Só pra pegar, tacar fogo” (CASOY, 2014, p. 304). Seu primeiro homicídio foi quando, após uma briga, Pedro empurrou seu primo

em um moedor de cana e, sem muito sucesso, optou por finalizar o ato com as próprias mãos, esfaqueando-o. A história de hostilidade familiar, todavia, findou-se com duas tragédias: quando Pedro foi preso pela primeira vez, sua mãe, enquanto dormia, foi brutalmente assassinada pelo pai, que acabou detido no mesmo presídio com o filho. Ali, por vingança, Pedro esfaqueou o pai com o mesmo número de facadas com o qual ele matou sua mãe, arrancou seu coração e mastigou-o.

Ainda na infância, consumido pela revolta, Pedro já ateava fogo em carros e em casas de ricos sempre que tinha oportunidade. Apesar da turma de amigos, ele conta que sempre foi solitário, inclusive na cadeia. Além disso, nunca frequentou a escola, um posto de saúde ou teve qualquer contato/assistência do Estado.

O crime que de fato marcou sua imersão no mundo de assassinatos em série foi entre os 14 e 15 anos: após o pai ser demitido da escola em que trabalhava, acusado de roubar merenda, a família se viu passando fome, e Pedro se retirou para o “mato” por um mês, onde ficou caçando macacos e vendendo a pele para conseguir dinheiro, até indignar-se com a situação e assassinar o substituto do prefeito, que demitiu seu pai, e o vigia da escola, quem Pedro acreditava realmente ter roubado a merenda, responsabilizando os dois pela crise familiar à qual a família foi submetida com a demissão do pai. A partir daí, Pedro se tornou procurado pela polícia e, foragido, fugiu para Minas Gerais, onde conheceu a traficante responsável pelo negócio de drogas da comunidade e envolveu-se com ela, conquistando, assim, a hierarquia da organização e o consequente descontentamento de outros traficantes, que tentaram o matar. Quando sua companheira foi assassinada (crime do qual Pedrinho também se vingou), Pedro fugiu novamente e tornou-se chefe de seu próprio grupo, posição com a qual estabeleceu seu próprio código de ética e moral: vender drogas apenas para traficantes; matar apenas por vingança; não levar nada roubado para a casa ou para a mãe; e usar roupas vermelhas para cometer os homicídios e preto para ir ao velório ou ao enterro da vítima.

Ao ser preso pela primeira vez, em 1973, em Minas Gerais, sendo posteriormente transferido para Taubaté (SP), Pedro, que já estava acostumado com a violência, conta ter ficado bastante assustado com a brutalidade e a selvageria do lugar,

fato que acentuou sua personalidade e consolidou seus impulsos assassinos. Calculando ter vitimado mais de 100 pessoas, foi na prisão que ele assassinou a maior parte delas, incluindo-se, aqui, assassinatos ocorridos em rebeliões das quais ele participou, assassinatos de autoria desconhecida e/ou assumidos por criminosos “menores”, mas todas foram vítimas por terem violado seu código de ética e moral: estupradores, assassinos de mulher e de crianças e “pilantras”, como ele dizia. Nesse ambiente, Pedro desenvolveu diferentes métodos para matar: faca, caneta, óleo quente, arsênico, estrangulamento etc. Assim, foi considerado um dos maiores assassinos dentro do sistema prisional, ganhando o apelido de Pedrinho matador.

Em 2007, foi solto após cumprir 33 anos de prisão, tornando-se o detento com maior tempo de reclusão e sendo solto justamente por esse motivo, haja vista que o tempo máximo para o cumprimento de pena estabelecido por lei é de 30 anos, apesar de ter sido sentenciado a quase 500 anos de prisão, inclusive pelos crimes cometidos dentro da cadeia. Em 2011, Pedro foi preso novamente, dessa vez em Balneário Camboriú, onde ele estava reconstruindo sua vida, trabalhando e longe do crime. Entretanto, dessa vez, as acusações que lhe caíam eram de motim, de rebelião e de cárcere privado, de quando ele ainda estava preso em Taubaté, da primeira vez. Sua pena, agora, foi de oito anos.

Muitos questionam se Pedrinho é realmente um assassino em série, uma vez que seus crimes eram motivados e ele matava movido por um senso de justiça, diferentemente da grande maioria dos assassinos em série, que mata sem motivo, apenas para a satisfação sexual e para exercer poder sobre as vítimas. O fato é que Pedrinho matava em nome do prazer, o que é evidente por meio da sua fala, em entrevistas, e por meio de uma tatuagem feita em seu braço direito – e título deste artigo: “Mato por prazer”, a qual fora coberta por um desenho de escorpião anos mais tarde, pois Pedrinho diz ter-se arrependido dos crimes cometidos e não gostar mais da frase.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

A entrevista foi realizada, a pedido do próprio assassino, em julho de 2005, na Penitenciária II- Nilton Silva, pela criminóloga Ilana Casoy e por outro pesquisador, com duração média de quarenta horas e com a supervisão de um psicólogo forense.

Conforme Casoy (2014), foi por meio da entrevista com Pedrinho Matador que se pretendeu observar os fatores que levaram à construção de sua identidade dessa maneira particular e da imagem positiva dessa identidade na sociedade paralela e para ele próprio, em contraposição ao concreto teor negativo e criminoso dela, que lhe custou mais de trinta e três anos de prisão, até porque, “a importância das entrevistas com criminosos é inegável. Conhecer suas histórias, o contexto de sua criação, sua crença, seus pensamentos. Tentar desvendar o caminho que a violência faz dentro do ser humano” (CASOY, 2014, p. 298).

Casoy (2014) conta que o entrevistado foi conduzido a relatar, em entrevista narrativa, sua história como pessoa, e não aquela de seus crimes, já tão explorada pela mídia. Assim, por meio de uma entrevista aberta e não direcionada, Pedrinho teve um espaço para contar o que lhe parecesse importante, e foi a chance de tornar-se conhecido como um todo, sem deixar que se esquecessem que ele preferia ser lembrado como o grande matador que era. A entrevista foi baseada em consentimento livre e esclarecido do entrevistado, constando um termo por ele assinado, tanto para a publicação da entrevista quanto para a utilização das imagens em documentário sobre seu caso (ainda não publicado).

A autora conta que Pedrinho era carismático e possuía um jeito onomatopeico de contar seus crimes, fazendo a trilha sonora de suas ações e fornecendo detalhes anatômicos dos acontecimentos. Orgulhoso de seus atos, ele se denomina um vingador que jamais matou gente de bem, deixando claro que sabia que, ao matar, estava fazendo algo errado, contudo, sem remorso.

ENTREVISTADOR: Desde que idade você tomava sangue?

PEDRO RODRIGUES FILHO: Ah, desde menino! 10, 12 anos... Tomava depois de boi, (porque] de vaca não é bom. É bom pra saúde! [...] Meu avô morreu com 98 anos, fortão ainda (p. 304).

[...] Fiquei com ela um bom tempo, aí as pessoas que trabalhavam com ela se sentiu revoltada, ele aí chegando agora... [...] Aí os caras armaram

uma emboscada pra me matar. Os cara era matador [...] na época eu carregava duas 765, uma de doze tiros, uma de nove [...] fui chamado para trazer um carregamento com os quatro rapazes, esperei eles cochilarem e matei todos [...] (p. 305-306).

ENTREVISTADOR: Você matou muito por vingança, né?

PEDRO RODRIGUES FILHO: Mais por vingança. Matei bastante.

E.: Sempre por vingança?

P.R.F.: Quase sempre matei por vingança.

E.: Quando não foi por vingança foi por quê?

P.R.F.: Aí... Por exemplo, por exemplo... A gente já tá, tanto ir, tanto faz. Tá craqueado até o pescoço. Perdi irmã. Não tem interesse em ir embora mais... Eu via o cara, aquele cara não tá com nada! Cê tá louco pra matar, aquela sede de matar! Quer sair da cadeia, quer ir pra outro lugar, entendeu? [...] não é nada, só porque ele fez alguma coisa para outra pessoa eu já ia lá e matava.

E.: É como uma missão, você escolhe aquele que não prestava para estar aqui?

PEDRO RODRIGUES FILHO: No nosso meio do crime não é permitido, né? Eu ia lá e eliminava [estupradores, matadores de crianças] (p. 306-307).

[...] Tive que matar dois caras, por causa da minha moral, por causa da bicha, que eu gostava dela, parecia uma mulher mesmo [...] (p. 307).

Primeiramente, são notáveis as marcas de oralidade, características em um relato interativo como o gênero entrevista, principalmente informal: pausas e elipses, marcadas, na transcrição, pelo uso de reticências, como traço de oscilação, e dos símbolos [...], como traços de prosseguimento, de avanço da fala; discordância verbal e nominal e termos em sua forma reduzida, próprios do diálogo em situação natural e não monitorada: “as pessoas que trabalhavam com ela se sentiu revoltada”, “os cara era matador” (discordância de plural) e *tá, cê, pra* (reduções informais, próprias da fala oral), transmitindo um teor de aproximação com o receptor; e marcadores conversacionais: *aí; né; ah*, cujos efeitos de sentido podem ser, respectivamente: a sinalização da inserção de um conteúdo que já está pressuposto por parte dos interlocutores, e não de um conteúdo totalmente novo e desconhecido (*aí*), a sinalização de uma confirmação das ideias já defendidas e afirmadas, como forma de apoio discursivo em busca de uma adesão do locutário sobre essa afirmação já dada (*né*), ou como hesitação ao que foi dito (*ah*).

Sobre os marcadores conversacionais, Charaudeau e Maingueneau (2004) esclarecem, que estes, como o próprio nome diz, designam uma série de elementos verbais e não verbais, característicos das situações de interação e que desempenham um papel de revelador quanto à produção discursiva durante sua elaboração: “eles estabelecem/indicam uma ligação tanto entre segmentos linguísticos quanto entre as formas linguísticas e o contexto” (p. 320). Trata-se de elementos com várias funções, que asseguram a fluidez das trocas, tanto no nível cognitivo quanto no nível da relação interpessoal. Diante disso, eles são morfologicamente invariáveis e pertencem a diferentes categorias, como a da interjeição, a da conjunção, a da preposição, a do conector e a do adjetivo, atuando, como consequência, na progressão textual, como elementos de ligação das ideias e do próprio tema.

Ainda, Bronckart (2003) conceitua os mecanismos de conexão como marcas de articulação e progressão temática que são realizadas por meio de organizadores textuais: conjunções, advérbios, locuções adverbiais, grupos preposicionais ou grupos nominais e segmentos de frase. Isso posto, os excertos acima trazem-nos:

Advérbios	Locução adverbial	Preposições	Conjunção	Segmento nominal
<i>nada, agora, não, aqui, como, ainda, muito, bastante; mais; quase; quando; sempre; depois; mesmo; só; lá</i>	<i>quase sempre; não é nada; não tá com nada</i>	<i>desde; que, já, com, até, aí; de</i>	<i>que (porque)</i>	<i>Meu avô morreu com 98 anos, fortão ainda; No nosso meio do crime não é permitido, né?</i>

Por conta das sucessivas ligações que vão estabelecendo-se no decorrer do texto, a interpretação de cada segmento depende e é afetada pela interpretação dos segmentos anteriores e daqueles subsequentes. Tais ligações não ocorrem somente no nível textual, mas também no semântico, visto que para haver ligação no nível superficial do texto é necessário, também, haver ligação no nível dos sentidos e das intenções pretendidas, garantindo, assim, a continuidade do texto (ANTUNES, 2005). Nesse sentido, os advérbios, as conjunções e as preposições propiciam a continuidade semântica

e lógica do discurso de Pedrinho, reiterando o que foi dito; substituindo termos por meio de retomada gramatical, lexical ou por elipse; associando e conectando algumas palavras, estabelecendo relações de sentido e de função entre o posicionamento discursivo assumido pelo entrevistador e pelo entrevistado, marcado pela alternância e pela responsividade, e entre termos e orações do discurso do entrevistado.

Conforme Simon (2008), a coesão é a manifestação linguística da coerência e provém da forma como as relações lógico-semânticas do texto são expressas na superfície textual. Cabe à coesão, então, estabelecer articuladores e encadeadores e promover a continuidade formal do texto, torná-lo uma sequência interligada, para que o fio de unidade não se perca e que seus sentidos não sejam prejudicados. Notadamente sobre a coesão nominal, a qual Bronckart (2003) diz ser realizada por meio de anáforas, que podem ser pronomes pessoais, relativos, demonstrativos e possessivos, bem como alguns sintagmas nominais, os excertos analisados apresentam o seguinte:

Pronomes pessoais	Pronomes possessivos	Pronomes demonstrativos	Pronomes indefinidos	Pronome relativo
<i>eu; ela; ele; eles; você; me</i>	<i>meu; minha; nosso</i>	<i>aquele; aquela</i>	<i>outro; todos; alguma</i>	<i>que</i>

Atuando na substituição, em uma relação textual de reiteração, os pronomes fazem variar os termos constituintes do nexos textual, assegurando sua cadeia referencial e sua continuidade (ANTUNES, 2005), pois trata-se de uma maneira de retomar o que foi dito sem repetir os mesmos termos e/ou deixar a leitura truncada, mas tornando-a mais dinâmica e linear. Além disso, os pronomes operam como dêiticos, responsáveis por ancorar um enunciado no próprio contexto de enunciação, localizando, no texto, seu falante e demais pessoas do discurso, bem como a situação de produção discursiva, associando-os e tornando-os referentes, como forma de ratificar o que se diz. Dessa maneira, a coesão verbal também é necessária, porque marca o desenvolvimento textual e “amarra” as ideias, situando-as no tempo (tanto de acontecimento quanto de fala) por meio dos verbos e suas conjugações, ao passo que se relacionam com os demais elementos para garantir uma sequência coerente e una. Nos excertos analisados, encontramos os

seguintes exemplos de coesão verbal, com predominância do pretérito, marca de narrativa.

Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito
<i>tive; fiquei; morreu; armaram; sentiu; fui; esperei; matei; fez</i>	<i>tomava; ia; era; carregava; via; matava; eliminava; gostava; parecia</i>

Sabemos que o pretérito indica ações passadas, anteriores ao momento de fala, por isso é primordialmente utilizado para narrar histórias, pois relaciona-se à progressão, ao desenvolvimento textual, sendo que o pretérito perfeito indica ações finalizadas, únicas, de curta duração temporal, e o imperito indica ações rotineiras, mais frequentes, com duração maior no tempo. Isso porque, como Oliveira e Cordeiro (2008) explicitam, o mundo discursivo do relato interativo é disjunto (separado) do mundo ordinário do ato de produção, mas implicado, isto é, ancorado em uma origem dêitica, portanto, composto por dois tempos dominantes: o pretérito perfeito e o imperfeito (mas podendo juntar-se às formas do mais-que-perfeito, do futuro do presente e do futuro do pretérito). Em outras palavras, por ilustrarem o momento discursivo, os verbos no pretérito são essenciais para o estabelecimento da coerência textual, uma vez que revelam a relação espaço-temporal entre o momento em que se produz o enunciado sobre um fato (presente) e o momento em que ele ocorreu (passado), sinalizando que o instante em que se enuncia é distinto daquele sobre o qual se enuncia (CURTI, 2019).

Ademais, também encontramos marcas do tempo presente do indicativo: *é; tá; quer*, exprimindo um grau elevado de certeza do entrevistado perante o processo que enuncia (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2011) e enfatizando seu momento de fala; bem como a presença de verbos no infinitivo: *matar; ir*, designando uma não referência a um tempo específico, pois não são empregados em condições de contexto ou de sujeito marcados, mas possuem um valor genérico, passando uma ideia de duração, de continuidade, de ausência de fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem é um fato, uma ação social, logo, não deve ser reduzida apenas à capacidade comunicativa do ser humano, posto que ela vai muito além disso, mas configura-se como um dos principais meios de constituição, formação, representação e posicionamento cultural, histórico, ideológico: a língua é uma forma de agir socialmente sobre tudo e sobre todos que nos rodeiam, levando-nos, assim, à interação e ao desenvolvimento, sendo que este não é somente individual ou das capacidades particulares, mas é coletivo e abrange todos os processos e desempenhos do homem sobre o mundo e vice e versa. Toda atividade, competência, experiência, e todo comportamento, conhecimento, potencial do homem são mediados pela linguagem e não há como ser de outra forma: verbal ou não, o fato é que a linguagem perpassa o homem em toda e qualquer atividade, regulando-a, adaptando-a, transformando-a, concretizando-a.

Uma vez que a sequência narrativa aparece apenas em relatos interativos (BRONCKART, 2003), aqui, o relato se deu como tipo principal, e, a narrativa, como tipo menor, mas ambos importantes para a construção e para a infraestrutura textual do gênero entrevista, em que as escolhas linguísticas e as operações mentais são externalizadas como elementos de coesão evidenciados por mecanismos de textualização, estes marcados principalmente pelo uso de verbos no tempo pretérito (marca de narrativa), de pronomes, atuando como dêiticos e de conjunções e advérbios. Todos esses ingredientes asseguram a coerência temática do texto, atuando como articuladores na ligação entre as ideias e a sequência linear do discurso, organizando-as e fazendo-as progredir, tal como estabelecendo relação entre o conteúdo linguístico, como as frases e as cadeias, e o extralinguístico, como os contextos, os aspectos histórico-sociais etc. Então, podemos apreender que a coesão tem o papel primordial de conduzir o discurso ao sentido, abastecendo-o com recursos que estabelecem uma relação conceitual e semântica entre todos os elementos discursivos, por meio de uma sequência lógica e contínua, permitindo que tudo que está na superfície, ou em seu íntimo, implícito, articule-se e forme um todo coerente, afinal, quando nos comunicamos sempre almejamos atingir nossas pretensões e dar início à interação.

Portanto, entendemos que todos os fatores, linguísticos e não linguísticos, juntam-se e rumam à (tentativa de) justificativa para os atos criminosos e mortais cometidos pelo assassino, que são, *a priori*, injustificáveis, por tratar-se de um dos mais hediondos crimes contra a vida humana – direito fundamental –, que atinge não somente a vítima, mas afeta o todo social, abala as formas de convivência e de interação, infringe normas e valores morais e éticos. E se os próprios motivos para cometer os crimes não são suficientes para comprovar isso, então, os elementos coesivos, pela língua, são; afinal, não apenas o discurso, na entrevista, é uma evidência, mas a coesão, com todas suas possibilidades de conexão, de conformidade e de unificação, também é.

Efetivamente, o homicídio é um fato social e histórico tal qual a linguagem é, e, considerando que a perversidade acompanha o homem em sua evolução/involução, a língua se torna um importante elemento de investigação, uma vez que particularidades e modos de ver o mundo são exteriorizados por ela. E se o assassino em série mata por prazer, cabe a nós, estudiosos da língua, por meio dela mesmo desvendar o crime e torná-lo objeto linguístico.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BAGNO, Marcos. *Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERNARDES, Adriana. Serial killer, figura invisível só para a lei. *Correio brasileiro*, n. 17135, p. 36-37, abr. 2010. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/04/18/interna_cidadesdef,186939/serial-killer-figura-invisivel-so-para-a-lei.shtml. Acesso em: 04 maio 2018.

BRANDÃO, Helena Hatshue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um sócio-interacionismo-discursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

BRONCKART, Jean Paul. Interacionismo Sócio-discursivo: uma entrevista com Jean Paul Bronckart. *ReVEL*, v. 4, n. 6, mar. 2006. Tradução de Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othello. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/b01f783d362c4965699e1e8c41986767.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2018.

CASOY, Ilana. *Serial killers: made in Brazil*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2014b.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu (coord.). São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, Sérgio Roberto *Dicionário de gêneros textuais*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

CURTI, Josyelle Bonfante. *Interação no contexto forense: linguagem e argumentação no gênero interrogatório*. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

INNES, Brian. *Perfil de uma mente criminosa: histórias reais de casos que abalaram a Europa e os EUA*. São Paulo: Editora Escala, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LEAL, Audria. A presença do discurso interativo no gênero textual cartoon. *Estudos Linguísticos*, Lisboa, p. 71-80, 2008. Disponível em: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/clunl/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/audria-leal.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2018.

MIRANDA, Florencia. Gêneros de texto e tipos de discurso na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo: que relações?. *Estudos Linguísticos*, Lisboa, p. 81-100, 2008. Disponível em: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/clunl/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/florencia-miranda.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2018

OLIVEIRA, Esther Gomes de; CORDEIRO, Isabel Cristina. Conexão e coesão: análise do fazer enunciativo em uma crônica jornalística. *UNOPAR Cient., Ciênc. Human. Educ.*, Londrina, v. 9, n. 1, p. 47-54, jun. 2008.

PROMETEICO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009. p. 1640.

ROUDINESCO, Elizabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Tradução de André Telles Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

SIMON, Maria Lúcia Mexias. A construção do texto. Coesão e coerência textuais. Conceito de tópico. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 40 - supl., jan./abr.2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO14/40SUP/002.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2018.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília P. de; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística aplicada ao português – morfologia*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.